

Galina Tahchieva

Diretora de Planejamento Urbano do Escritório Duany Plater-Zyberk & Company Miami, Flórida, EUA

Entrevista e Tradução: Daniele Rezende Porto

Arquiteta, mestre em arquitetura e urbanismo pela EESC-USP, R. Aquidabã, 1030, ap. 231, Centro, CEP 13561-120, São Carlos, SP, (16) 3372-8952, danielerporto@uol.com.br

Roteiro: Carlos Roberto M. de Andrade

Arquiteto e sociólogo, professor doutor do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Av. Trabalhador Sancarlenense, 400, Centro, CEP 13566-590, São Carlos, SP, (16) 3373-9295, candrade@sc.usp.br

1) Como surgiu e se difundiu o movimento New Urbanism nos Estados Unidos?

*Realizada em novembro de 2002 em São Paulo

O *New Urbanism* iniciou-se há 20 anos, como uma reação ao fenômeno de disseminação dos subúrbios. O movimento tem base em princípios tradicionais de planejamento. Na verdade, não inventamos idéias. Nós observamos exemplos anteriores, precedentes históricos; nossas idéias são mais fundadas no empírico, na tradição, do que em invenções.

Após a Segunda Guerra, alguns ideais urbanos mudaram. Nos Estados Unidos, especificamente, o Federal Housing Authority incentivou apenas projetos residenciais fora dos centros urbanos e não incentivou o re-desenvolvimento das regiões centrais. Foi como retirar as forças, a energia das cidades. Assim, como resultado desses fatores, o alastramento dos subúrbios ocorreu, de fato, com a distribuição da população fora das cidades.

2) Quais as principais propostas e os princípios fundamentais do New Urbanism?

O *New Urbanism* tenta criar ambientes integrados, equilibrados em termos de populações mistas, usos mistos, tipologias construtivas mistas. Ele também trata de questões relacionadas à preservação ambiental e comunidades sustentáveis (o habitat humano é tão importante quanto a preservação de

recursos naturais) e de como podemos melhorar a qualidade de vida, uma vez que os padrões de vida nos Estados Unidos são bastante elevados, mas a qualidade de vida deteriorou-se com o crescimento do modelo suburbano.

3) O New Urbanism não seria uma proposta restrita a camadas sociais de alto padrão, excluindo de seus assentamentos aqueles que não podem pagar o alto preço de uma casa em um novo subúrbio-jardim?

Na verdade, o *New Urbanism* atua em todos os níveis, todas as escalas urbanas. Nós temos projetos de reurbanização incríveis. A maior parte de nossos projetos, provavelmente maior que os projetos do tipo *green-field*, é de re-desenvolvimento de regiões centrais. Os resultados ainda não são óbvios porque realizamos esses projetos recentemente. Mas, visitando os Estados Unidos, pode-se ver toda uma gama de intervenções urbanas, projetos de *retrofit*; pode-se ver que há alguns resultados já construídos, amadurecendo, e lá poderão falar sobre o sucesso de tais projetos. A maioria deles é para o *Housing Development Department* (Departamento de Desenvolvimento Habitacional) dos Estados Unidos, que adotou os princípios do *New Urbanism* para habitação popular – o tão falado programa Hope 6. Em vez de concentrar os moradores em grandes estruturas, decidiu-se espalhá-los. Foi adotado um plano de unidades unifamiliares com, é claro, técnicas

construtivas eficientes, de modo que as construções fossem acessíveis. Atualmente, o *New Urbanism* é um pouco visto como um conjunto de empreendimentos para altas classes, pois começou com a iniciativa privada, com investidores particulares, e os arquitetos e os projetistas deram início a todo o movimento como resposta ao modelo suburbano; mas, recentemente, muitas prefeituras e administrações municipais têm se interessado por essas idéias. A acessibilidade virá à medida que novos projetos forem construídos.

4) Você poderia citar alguns desses resultados construídos?

Posso mencionar West Palm Beach; Stuart, na Flórida; Baton Rouge, na Louisiana, que é a capital do Estado e uma das cidades mais pobres do país: eles têm aproximadamente cem projetos encaminhados, então são um bom exemplo. Alguns estão em construção. Estamos tentando trazer habitações populares para a cidade, para o centro, pois há melhor maneira de fazer habitação popular, se já se tem infra-estrutura e um estoque de edifícios nessa região? Temos diferentes propostas, diferentes tipologias construtivas, que podem ser adaptadas para a construção social. Miluawkee também é um ótimo exemplo. E há outros. Eu poderia fornecer-lhe uma lista mais extensa, com muitos projetos mesmo.

5) Quais as possibilidades de aplicar os princípios de Camillo Sitte e Raymond Unwin após um século de suas formulações? Não seria essa apenas uma estratégia de marketing imobiliário?

Bem, algumas idéias são de fato bastante universais, isto é, eles criaram uma grande paleta de técnicas de desenho urbano a ser usada por qualquer planejador. E seria uma pena se esse conhecimento incrível fosse entendido apenas como uma ferramenta de marketing. Para nós esses conceitos nunca tiveram tanta importância como ferramenta de marketing, mas sim como uma oportunidade de encontrar meios de criar comunidades belas. Nós enxergamos suas técnicas como ferramentas de desenho urbano, metodologias para o presente. É claro que o *New Urbanism* adapta algumas dessas técnicas tradicionais ao

estilo de vida contemporâneo. Nos Estados Unidos, o automóvel é predominante. Assim, todos esses princípios e métodos devem ter algum tipo de interpretação à vida contemporânea. É por isso que o congresso do *New Urbanism* lançou publicações com documentações novas e diferentes, baseadas nos princípios antigos, mas também com sua implementação na situação atual.

6) As idéias e propostas do New Urbanism têm aplicação universal, como pretendiam os defensores da Carta de Atenas?

Bem, nós achamos que os princípios são completamente universais. Não são internacionais, que era o tema da Carta de Atenas na verdade. Toda a universalidade dos princípios era aplicada, mas nunca traduzida culturalmente, ou, na maior parte dos casos, era traduzida grosseiramente; eram uma espécie de modelo imposto, como, por exemplo, o plano Voisin trazendo as grandes estruturas construtivas e a torre no verde no meio da cidade mais bonita do mundo! Isso era um modelo imposto. Consideramos nossos princípios universais porque eles têm base em comunidades de uso misto compactas, em que se pode andar a pé, em que a humanidade viveu por muitas e muitas centenas de anos e que mudaram apenas nos últimos 50 ou 60 anos, quando novos modelos foram implantados. Assim, pensamos que nossos princípios são universais, mas eles têm de ser sempre traduzidos culturalmente. Deve-se observar as tradições urbanas do lugar, o ambiente social, a situação econômica, a cultura, e tentar interpretá-las. E temos realmente muitos exemplos desse tipo de interpretação. Observamos as tradições construtivas locais. Não se pode impor certas fórmulas diretamente, elas têm de ser traduzidas e interpretadas.

7) Urbana ou antiurbana? Qual a ideologia do New Urbanism?

Bem, essa é uma questão realmente muito interessante porque o *New Urbanism* vai ao encontro de uma teoria de transição, que é a continuidade entre urbanidade e natureza. Não somos a favor nem de uma nem de outra. Nós aceitamos todos os elementos da vida urbana e todos os elementos de uma vida mais natural ou mais rural, mas eles

devem ser alocados propriamente. A cidade, a cidade central, a situação urbana em si, não deve ser suburbanizada. Há uma tendência de suburbanização de nossos centros, introduzindo tipos construtivos que não são adequados à própria situação urbana do centro. E há também uma tendência de urbanização dos subúrbios, trazendo para elas uma infra-estrutura incrivelmente excessiva. Então, a questão é onde e como alocar os elementos apropriados ao ambiente humano e, é claro, com o máximo de preservação natural. Quanto mais compacto, mais denso, de uso mais misto e mais adequado ao pedestre – e não totalmente voltado ao automóvel – for o ambiente, mais se conseguirá a preservação natural. Assim, tentamos fazer essa conexão entre preservação natural, ambiente urbano e habitat humano sustentável. Para nós, o habitat humano é tão importante quanto o ambiente natural, então os dois têm de ser julgados no mesmo patamar. A vida natural tem obtido grandes sucessos recentemente; e nós queremos, como urbanistas, planejadores e arquitetos, trazer esse mesmo sucesso para o habitat humano.

Figura 1: Vista da cidade de Seaside, Walton Country, Flórida, 1981. Autores: Andres Duany e Elizabeth Plater-Zyberk. Área do projeto: 80 acres. Fonte: Katz, P. *The new urbanism*. New York: Mal Franhill, 1994. p. 13.

8) Quais projetos o New Urbanism tem para o Brasil?

Bem, nós consideramos o Brasil como um exemplo muito interessante de um ambiente bastante diverso, com todos os níveis de urbanidade: da grande metrópole a lugares tradicionais, vizinhanças tradicionais. Vocês têm grandes exemplos de urbanismo tradicional no Brasil. Por outro lado, existem, é claro, algumas novas situações suburbanas em que modelos estrangeiros são implantados – não posso deixar de mencionar sempre a Barra da Tijuca, que é o centro da crítica que eu venho fazendo na última semana. Esses são os modelos internacionais que são importados. Não somos a favor desse tipo de intervenção urbana. Deve-se observar o lugar, a história, as experiências positivas e as boas vizinhanças, as vizinhanças tradicionais existentes, e extrair o melhor (desses fatores). E tentar redesenhar, tentar adequar à situação atual. Assim, temos algumas idéias que podem ser aplicadas. Podemos oferecer uma gama de escolhas e os planejadores e arquitetos locais podem aprender com elas, ou ao menos trocar idéias e ver se são aplicáveis ao Brasil.

